



# 2º SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE DEMOCRACIA E DESIGUALDADES

Brasília, 7 a 9 de maio/2014

## Um olhar sobre os estereótipos de gênero na mídia

### O retrato de Dilma Rousseff na edição especial de *Época* pós-eleição 2010

Viviane Gonçalves Freitas<sup>1</sup>

**Resumo:** Crítica aos estereótipos de gênero utilizados pela mídia na identificação das mulheres inseridas na arena político-partidária, em particular da então candidata eleita à Presidência, Dilma Rousseff (PT). Esta análise será feita tendo como parte empírica a edição extra da revista *Época*, quando da vitória de Dilma, na eleição presidencial de 2010. O embasamento teórico será no sentido de criticar a naturalização do papel de mãe e o fato de que as características que são mais voltadas para o cuidado serem o diferencial da mulher na política. Essa linha de argumentação, pelo contrário, reforça a posição sócio-histórica das mulheres de subordinação e exclusão do âmbito público, sendo relegadas apenas ao ambiente da casa e aos cuidados com as crianças e idosos, tendo a voz desconsiderada, quando não inexistente, nas relações sociopolíticas.

**Palavras-chaves:** Dilma Rousseff. Estereótipos de gênero. Mídia. Campanha presidencial. Mulheres e política.

**Abstract:** Critique of gender stereotypes in the media used in the identification of women entered the partisan political scene, particularly the then candidate elected to the presidency, Dilma Rousseff (PT). This analysis will be performed with the empirical part of the extra edition of *Época* magazine, when Dilma's victory in the presidential election of 2010. The theoretical background is in order to criticize the naturalization of motherhood and the fact that the features that are more geared towards the care being the differential of women in politics. This line of argument, however, reinforces the socio-historical women's subordination and exclusion from public life position and relegated only to the home environment and care for children and the elderly, having disregarded the voice, if not absent, in socio-political relations.

**Keywords:** Dilma Rousseff. Gender stereotypes. Media. Presidential campaign. Women and politics.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo (PUC Minas), mestra em Comunicação Social (PUC Minas) e doutoranda em Ciência Política (UnB). Bolsista CAPES. E-mail: vivianegoncalves.unb@gmail.com

## Introdução<sup>2</sup>

As eleições presidenciais de 2010 tiveram como uma de suas principais novidades em relação aos pleitos anteriores a utilização massiva da Internet durante as campanhas dos candidatos e candidatas, mas também se destacou pela eleição da primeira mulher para o cargo mais alto do Executivo, Dilma Vana Rousseff, candidata do Partido dos Trabalhadores (PT). Durante esse pleito, a construção da imagem de mulher foi ostensivamente ressaltada e determinante. Mesmo havendo outra concorrente ao cargo – Marina Silva (PV<sup>3</sup>) –, foi a campanha da candidata do PT que levantou esse mote.

Dilma foi candidata da coligação “Para o Brasil seguir mudando”, composta pelos partidos PT, PMDB, PDT, PC do B, PSB, PR, PRB, PTN, PSC e PTC<sup>4</sup>, cujo vice da chapa foi o ex-presidente da Câmara dos Deputados Michel Temer (PMDB). Em um levantamento divulgado pelo Datafolha, em 26 de outubro de 2010, a menos de uma semana para as eleições do segundo turno, o governo Lula era aprovado por 83% da população, já que esse percentual considerava os que acreditavam ser o governo bom ou ótimo. Isso fez de Lula o governante do Brasil com maiores índices de popularidade da história. Um dos importantes pontos para a potencial transferência de votos de Lula para sua ex-ministra era justamente a alta aprovação de seu governo atribuída pelos brasileiros.

Para que a figura de Dilma não estivesse apenas atrelada à de Lula, um trabalho de comunicação, de construção de imagem e, principalmente, do destaque para a questão da mulher precisou ser cuidadosamente conduzido. Além de Dilma Rousseff (PT) e Marina Silva (PV), concorriam à Presidência da República sete homens: José Serra (PSDB)<sup>5</sup>, Ivan Pinheiro

---

<sup>2</sup> Expresso aqui meus agradecimentos à organização do **2º Simpósio Nacional sobre Democracia e Desigualdades** pela oportunidade de um rico debate no GT Desigualdades e Informação. Em especial, agradeço a leitura atenta, os comentários instigantes e as sugestões importantíssimas de Flávia Biroli, Rayani Mariano, Alessandra Aldé, Denise Mantovani, Fagner Carniel, Lennita Ruggi, Matias López e Vanessa Veiga. Nem todas as modificações puderam ser incorporadas nesta versão – o que farei em uma nova releitura posteriormente.

<sup>3</sup> PV – Partido Verde

<sup>4</sup> PT – Partido dos Trabalhadores

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PDT – Partido Democrático Brasileiro

PC do B – Partido Comunista do Brasil

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PR – Partido da República

PRB – Partido Republicano Brasileiro

PTN – Partido Trabalhista Nacional

PSC – Partido Social Cristão

PTC – Partido Trabalhista Cristão

<sup>5</sup> PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

(PCB)<sup>6</sup>, Levy Fidelix (PRTB)<sup>7</sup>, Zé Maria (PSTU)<sup>8</sup>, Eymael (PSDC)<sup>9</sup>, Plínio Arruda (PSOL)<sup>10</sup> e Rui Costa Pimenta (PCO)<sup>11</sup>.

Após mais de 20 anos desde a primeira eleição direta para presidente no Brasil depois da Ditadura Militar, foi a primeira vez que uma mulher, candidata do PT, chegou ao segundo turno e venceu o pleito. Ressalta-se que a disputa no segundo turno ficou entre um homem (José Serra) e uma mulher (Dilma Rousseff).

Além de várias transformações a que se submeteu desde 2008 e de ser apadrinhada pelo presidente Lula, dado que já podia ser interpretado como um fôlego a mais para a campanha no primeiro turno, Dilma levou para o segundo momento da campanha a real chance de uma mulher, pela primeira vez no País, ser presidenta da República. No primeiro Horário Gratuito Político Eleitoral (HGPE) do segundo turno, no dia 8 de outubro, Dilma frisou que a soma dos votos conseguidos por ela e por Marina contabilizava 67% dos votos válidos, ou seja, a maioria da população brasileira queria uma mulher na Presidência.

A vitória da candidata petista foi anunciada na noite do dia 31 de outubro: Dilma havia conquistado 56,05% dos votos válidos. Na semana seguinte, as bancas de revistas estavam repletas de edições especiais das publicações semanais sobre a chegada da primeira mulher ao Palácio do Planalto. O foco deste artigo é, justamente, a partir da discussão trazida por algumas teóricas feministas como Lauretis (1994), Navarro-Swain (2000), Scott (1994) e Pateman (1993) debater a imagem de mulher de Dilma que foi apresentada pela edição especial da revista *Época*, uma das quatro principais revistas semanais brasileiras de interesse geral, publicada pela Editora Globo. A escolha por esta publicação deve-se ao fato de que foi a edição especial de semanais que mais explorou a imagem de Dilma vinculada aos estereótipos de mulheres inseridas na arena política e alardeada pelos meios de comunicação.

### **As mulheres, seu corpo, seu destino?**

Carole Pateman, teórica política feminista britânica, no livro *Contrato sexual*, originalmente publicado em 1988 e cuja versão aqui utilizada data de 1993, critica a dominação dos homens sobre as mulheres, que lhes impõe como vínculo a sua existência o

---

<sup>6</sup> PCB – Partido Comunista Brasileiro

<sup>7</sup> PRTB – Partido Renovador Trabalhista Brasileiro

<sup>8</sup> PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

<sup>9</sup> PSDC – Partido Social Democrata Cristão

<sup>10</sup> PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

<sup>11</sup> PCO – Partido da Causa Operária

ambiente privado, restrito à vida doméstica, sem qualquer possibilidade de atuação pública, tampouco política. Segundo a autora, a partir do contrato social apresentado pelos liberais, todos os homens – não apenas os pais – poderiam gerar a vida e os direitos políticos. Assim, Pateman (1993) critica o entendimento de que, na sociedade civil, a criação política é própria da masculinidade, não da paternidade.

Entretanto, Fraser (2013) levanta pontos que discordam da visão de Pateman (1993), ao destacar que as considerações que esta ressalta sobre o casamento como responsável pelo encapsulamento das mulheres não se restringem a uma relação de mando e subordinação, mas por desvantagens cumulativas, como divisão sexual do trabalho e a privatização da vida doméstica e familiar. É interessante ressaltar que, mesmo não havendo um bloqueio ou impedimento formal à participação das mulheres na arena política ou no cotidiano público, as atividades tradicionalmente atribuídas às mulheres, como cuidar da casa e das crianças, ou ter profissões mais voltadas para essa perspectiva, já que seriam mais sensíveis e atenciosas, acionam os empecilhos criados a partir da divisão sexual do trabalho e dos estereótipos de mulher. Dessa forma, há um impacto significativo, visto que as mulheres sentem-se e, muitas vezes, são alijadas do processo político-democrático e do mundo do trabalho. Aos homens, seres natos da *polis*, estaria reservado o mundo exterior à casa, a começar por serem eles – homens, brancos, burgueses e heterossexuais – os considerados “indivíduos”, conforme a conceituação liberal:

Somente os seres masculinos são dotados das capacidades e dos atributos necessários para participar dos contratos, dentre os quais o mais importante é a posse da propriedade em suas pessoas; quer dizer, somente os homens são “indivíduos”. [...] A diferença sexual é uma diferença política; a diferença sexual é a diferença entre liberdade e sujeição. (PATEMAN, 1993, p.21).

A sujeição das mulheres abordada por Pateman (1993) tem a ver com o que é ressaltado por Scott (1994). Como Fraser (2013), a historiadora estadunidense entende que a discriminação sofrida pelas mulheres não deve ser compreendida apenas como uma questão de gênero; há também o efeito político – de determinar quem são os excluídos e os detentores do poder, do direito a ter voz, enfim, uma construção social – que essa diferenciação impõe. Para ela, aceitar que as mulheres carregam em si, nas diferenças corporais, características que as diferenciam dos homens – e isso já lhes seria o bastante para ver a diferença sexual como um fenômeno natural e não social – é, no mínimo, desconsiderar que a importância de outras variáveis, como culturas, grupos sociais e épocas. Nas palavras da autora:

A procura por uma análise que desse conta da discriminação era apanhada pela lógica circular na qual a “experiência” explica as diferenças de gênero e as diferenças de gênero explicam as assimetrias da “experiência” masculina e feminina. É típico das visões sobre o que constitui a experiência masculina e feminina o apelo a ou a incorporação de definições normativas existentes. **A história das mulheres escrita dessa perspectiva, e a política que ela engendra, termina por endossar as ideias de uma diferença sexual inalterável, que são usadas para justificar a discriminação.** (SCOTT, 1994, p.16, grifo meu).

A historiadora brasileira Tania Navarro-Swain (2000) também defende que essa “diferença” entre homens e mulheres é construída socialmente. Ela destaca a naturalização do fator biológico que marca a divisão binária da sociedade segundo o sexo. Para a autora, a imagem de mãe seria a cristalização da representação da “verdadeira mulher”: além de resgatar a mulher do “pecado original”, purificando-a, portanto, o cuidado, a função da maternidade seria “a garantia, o selo de qualidade que distingue as mulheres entre elas e lhes atribui um lugar social” (NAVARRO-SWAIN, 2000, p.19). Dessa forma, a reprodução seria encarada como uma das marcas na criação das mulheres e do feminino, reforçando um sistema de poder e de hierarquia, que as subordina aos homens. Hobbes<sup>12</sup> citado por Miguel (2001) defende a submissão da mulher ao homem: a mulher ficaria fragilizada pela maternidade, ao mesmo tempo em que se tornaria responsável pela segurança de um ser indefeso, a criança gerada. Dessa forma, é permitido ao homem que a domine pela força, a fim de garantir a própria vida; a mãe e os filhos submetem-se à autoridade masculina.

Essa construção de sentido da maternidade é muito significativa no que se refere às representações sociais e significações dos papéis institucionais atribuídos a homens e mulheres. Tanto Navarro-Swain (2000) quanto Lauretis (1994) analisa que essa delimitação de papéis sociais, a partir de uma binariedade sexual, molda, dentro de uma cultura, um sistema simbólico, que relaciona sexo a conteúdos culturais, de acordo com valores e hierarquias sociais. Essa autorrepresentação imposta às mulheres, ou seu **assujeitamento**, vincula-se aos saberes, elaborados a partir de lugares de autoridade, reduzidos à tríade corpo/sexo/matriz (NAVARRO-SWAIN, 2000). Assim, a historiadora brasileira entende a maternidade ou o sentido do materno não como uma tara da qual as mulheres deveriam se libertar; mas, sim, “como um sentido social que aprisiona e desenha os corpos, os desejos e o ser no feminino” (NAVARRO-SWAIN, 2000, p.53).

A “tecnologia do gênero” trabalhada por Lauretis (1994) complementa a discussão de Navarro-Swain (2000), uma vez que apresenta abordagens cotidianas, por exemplo, no cinema, de construções que reafirmam as diferenças nas relações sociais entre mulheres e

---

<sup>12</sup> HOBBS, Thomas. **De cive**, capítulo IX. Petrópolis: Vozes, 1993.

homens. Para melhor esclarecer seu argumento, a historiadora italiana destaca quatro pontos: (a) gênero é (uma) representação; (b) a representação do gênero é sua construção; (c) a construção do gênero ocorre hoje por meio das várias tecnologias do gênero e discursos institucionais; (d) a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução. Assim, a subjetividade e a experiência femininas residiriam necessariamente em uma relação específica com a sexualidade, ou seja, “engendrando” as mulheres como femininas a partir dos efeitos de significação, da experiência de gênero e das autorrepresentações produzidas no sujeito pelas práticas, discursos e instituições socioculturais, dedicados à produção de homens e mulheres.

Cabe aqui um parêntese importante. Visto que a autora apresenta um questionamento sobre as relações sociais de gênero e de como o entendimento sobre as mulheres, a partir de uma visão androcêntrica, pode ser opressivo e limitador, é possível fazer um diálogo com Young (2013), a qual argumenta que, na prática, a imparcialidade é inalcançável de fato, já que todas as decisões são tomadas a partir de um ponto de vista, geralmente o dos privilegiados. Mas, além de inalcançável, não se trata de um ideal normativo adequado para a democracia, uma vez que o cidadão universal é razão (masculina) desincorporada e desapaixonada, grifando, mais uma vez, que é branco, burguês e heterossexual.

### **O privado é político**

A qual democracia se faz referência se às mulheres são impostas restrições que deslegitimam suas posições no jogo político? Somado a isso, há várias barreiras, que são cumulativas e não necessariamente explícitas, como a “obrigação” de ser responsável pelos afazeres domésticos e os cuidados com as crianças, o que, na maioria dos casos, as impede de fazer uma inserção mais profunda na carreira política, pela falta de tempo, por exemplo<sup>13</sup>. Mesmo assim, com tantas barreiras, algumas (poucas) conseguem driblar o *status quo* e se colocar na arena política. Entretanto, os estereótipos de gênero tendem a deslegitimar sua posição. Os estereótipos, entendidos aqui a partir do trabalho de Biroli (2011, p.75, grifo da autora), são “categorias simplificadoras ou atalhos cognitivos **que participam dos exercícios de poder**”, e podem estar na base das identidades e dos papéis sociais; têm caráter produtivo,

---

<sup>13</sup> Segundo dados da pesquisa *Retratos da desigualdade de gênero e raça*, 49,1% dos homens afirmam fazer alguma atividade doméstica; este percentual sobe para 88,2% quando as respondentes são mulheres. Esses homens dedicam 10 horas de sua semana para esse tipo de afazer, enquanto as mulheres somam 25 horas (BRASILIA, 2011).

naturalizando e realizando valores e julgamentos; e participam da dinâmica social na qual se definem caráter, personalidade e disposições individuais.

Na perspectiva apresentada por Miguel e Biroli (2011), os espaços público e privado – aqui compreendido como o espaço doméstico, do lar – ganham valorações diferenciadas na cobertura jornalística e, portanto, na visibilidade, que têm homens e mulheres inseridos na política.

A visibilidade possível, antes mesmo de ser negativa ou positiva para a trajetória individual das mulheres que ganham espaço na cobertura jornalística, está relacionada à divisão dos papéis sexuais e à dualidade entre público e privado. As representações diferenciadas de mulheres e homens associam arbitrariamente os indivíduos a traços que lhes seriam comuns devido ao seu sexo biológico, marcando como desviantes aqueles que não se adequam à norma. [...] Elas estão diretamente relacionadas a formas concretas de dominação, que tornam as mulheres mais vulneráveis e diminuem suas possibilidades de autonomia. (MIGUEL; BIROLI, 2011, p.168).

Ainda segundo os autores, nas coberturas jornalísticas, há muito mais ênfase ao estado civil, às relações afetivas, à idade, ao vestuário, à aparência física das mulheres do que dos homens. Isso reforça a ideia de que, ao senso comum, as questões relativas às mulheres estejam sempre associadas ao privado; enquanto que aos homens vincula-se a vida na *polis* (MIGUEL; BIROLI, 2011).

O estereótipo da feminilidade parte da própria socialização das mulheres: a linguagem que devem empregar, as áreas de conhecimento que podem ter mais familiaridade (educação, saúde, assistência social...), a utilização de fala moderada e doce, as brincadeiras bem aceitas e permitidas, a propensão aos cuidados e atos delicados. É importante destacar que, desde pequenas, nós, mulheres, somos instruídas a cuidar dos filhos – brincadeiras com bonecas – e a desempenhar os afazeres domésticos – brincadeiras de casinha, com panelas e utensílios de cozinha estão presentes na infância da maioria das mulheres. Enquanto isso, os meninos praticam esportes e pensam em profissões desprendidas do lar. Tudo isso impõe às mulheres, desde o primeiro momento de vida em sociedade, lugares marcados, posições definidas. Não raras as vezes de submissão, desapego, abnegação.

Se uma menininha “fala grosso” ou de modo rude como um menino, ela vai normalmente ser isolada, xingada ou ser motivo de gozação. Dessa forma, a sociedade, por intermédio do pai, da mãe e dos amigos de uma criança, a mantém “na linha”. Esse processo de socialização é, na maior parte de seus aspectos, inofensivo e frequentemente necessário, mas nessa instância particular – o ensinamento de usos linguísticos específicos para meninas – causa sérios problemas, embora professores possam nem sequer estar cientes disso. (LAKOFF, 2010, p.15).

Essas expressões estereotipadas estão, em grande medida, presentes no cotidiano político e, principalmente, na legitimação das mulheres como aptas a estarem na arena política. A corrente do maternalismo, uma linha bastante criticada dentro da teoria política feminista, tem como uma de suas representantes Jean Bethke Elshtain (2013), que baseia seus estudos na vivência das mulheres na esfera privada como a justificativa para perspectivas e visões de mundo e da política distintas em relação às masculinas. Mesmo não querendo tampouco se colocando na função de justificar papéis, mas valorizando relações e vivências, acaba por apresentar como “dado” aquilo que é parte da produção histórica da opressão às mulheres: a divisão sexual do trabalho e a atribuição do cuidado com os filhos e a vida doméstica às mulheres.

Outra representante do maternalismo, a psicóloga estadunidense Carol Gilligan (2013) destaca a diferenciação moral entre mulheres e homens. Para a autora, a preocupação com o bem-estar do outro, o senso de conciliação, responsabilidade e cuidado com as outras pessoas fazem das mulheres indivíduos distintos dos homens. Essas seriam, em resumo, algumas das características que fariam das mulheres alternativas à política masculina, ou seja, racional e competitiva.

É a partir dessas considerações teóricas que, a seguir, abordarei dois fragmentos da edição extra da revista *Época*, de 1º de novembro de 2010, dia seguinte ao pleito que consagrou Dilma Rousseff como a primeira presidenta do Brasil.

### **Quando o privado importa**

Durante toda a campanha presidencial de 2010, a vida privada da candidata Dilma foi considerada pelos meios de comunicação tão relevante – ou, em alguns momentos, até mais – quanto a disputa em si, seus discursos e trajetória profissional. Mesmo a candidata petista querendo preservar a filha Paula e o neto Gabriel, que nasceu ainda durante o tempo que precedia as eleições do 1º turno, a imagem feminilizada (padrão socialmente difundido) de Dilma – ser mãe, ser avó, saber cuidar – ganhou força em seu material de campanha ao lado de exemplos de sua carreira como gestora pública. Assim, é possível perceber que o estereótipo de mulher destacado na cobertura midiática também foi utilizado de modo estratégico pela equipe da então candidata, a fim de vincular sua imagem tanto à competência,



assertividade para gerenciar (características do modelo masculino) quanto à delicadeza e ao cuidado de mãe (características do modelo feminino).

Mesmo sendo mais reservada quanto a sua vida pessoal, durante o HGPE, Dilma mencionou os desafios enfrentados, principalmente sobre o fato de ter sido pioneira em várias funções, anteriormente destinadas apenas a homens:

Muitas vezes, as mulheres foram, pelo menos, secretárias de Educação. Agora, tinham certas áreas que era como se estivesse escrito na porta: “vedada a entrada de mulheres”. Porque também tem o estereótipo, né? Frágil e meiga. A gente é frágil e meiga, mas não é só frágil e meiga. Somos capazes de decidir, temos posição, somos assertivas. (HGPE DILMA PRESIDENTE, 10/10/10).

Miguel e Biroli (2011) ressaltam que, em pleno século XXI, raras são as vozes que negam a legitimidade da presença das mulheres no espaço público, ao menos vindo da grande imprensa. No caso de Dilma, por ter sido a primeira mulher a chegar ao 2º turno em uma campanha presidencial no Brasil<sup>14</sup>, ela teve, em certo grau, acionada a associação de sua imagem aos estereótipos de gênero. De modo geral, os autores destacam que:

[...] o discurso do jornalismo não comporta mais expressões abertas de machismo, mas muitos de seus pressupostos seguem organizando as formas de ver o mundo e a política. Os discursos se modificaram, sem que a dualidade entre feminino e masculino que está em sua base deixasse de corresponder à dualidade entre a esfera doméstica e a pública, com valores e prescrições de comportamentos a elas associadas. (MIGUEL; BIROLI, 2011, p.169).

As representações de mulheres no cenário político expressas na mídia, como dito anteriormente, são marcadas pela atenção à vida pessoal – família, relacionamentos afetivos, idade, características físicas, vestuário – bem mais ao que compete a sua atuação política. Muitas vezes, o sucesso na vida política é mostrado como relacionado ou devido ao “abandono da esfera privada”. Enquanto aos homens é atribuído o caráter de experiência por serem mais velhos, e não se considera se são casados ou se têm filhos, as mulheres são ridicularizadas em razão de terem mais de 60 anos ou não serem casadas ou/e não terem filhos. Outras vezes, a imprensa prefere passar a imagem estereotipada das mulheres, que devem estar sempre bonitas, bem vestidas, maquiadas, com unhas feitas – aquelas que contradizem esses arquétipos têm sua feminilidade questionada. Há, ainda, situações em que

---

<sup>14</sup> Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), seis mulheres já concorreram ao cargo mais importante do executivo brasileiro: Livia Maria (PN), em 1989; Thereza Tinajeto Ruiz (PTN), em 1998; Ana Maria Teixeira Rangel (PRP) e Heloísa Helena Lima de Moraes (PSOL), em 2006; Marina Silva (PV) e Dilma Rousseff (PT), em 2010 (FREITAS, 2012, p.45).

os jargões associados às funções domésticas – mãe, esposa, aquela que cuida, que dá atenção – aparecem associados às atuações como governantes, positiva ou negativamente, ou seja, em comentários irônicos ou como motes de apoio a campanhas.

Na semana após o anúncio de sua vitória sobre o candidato do PSDB, José Serra, as revistas semanais *Veja*, *Isto é*, *Carta Capital* e *Época* publicaram edições especiais sobre a mulher que em poucos meses assumiria o mais alto grau da hierarquia político-institucional do País. Neste artigo, serão abordados apenas dois fragmentos retirados da edição da revista *Época*.

A matéria *Treinada para ser presidente*, assinada por Leandro Loyola, traça um panorama de Dilma em 2007, quando ainda era ministra-chefe da Casa Civil – e se dizia sem “talentos” para uma potencial candidatura à Presidência, como maior facilidade de expressão e retórica –, e em 2010, durante a campanha. É interessante destacar que, ao longo do texto, o repórter mescla tanto referências à carreira profissional quanto à vida pessoal de Dilma, algo que não é usual em abordagens sobre homens inseridos na política (MIGUEL; BIROLI, 2011).

No segundo parágrafo da matéria, as mudanças de vestuário e físicas são destacadas, juntamente a sua nova postura de candidata mais afável:

[...] Dilma passou por algumas intervenções estéticas, como pequenas cirurgias plásticas no rosto. Os dentes foram corrigidos. Os óculos sumiram e foram substituídos pelas lentes de contato. Os terninhos e os tailleurs de cores sóbrias foram trocados por roupas mais joviais. Suas entrevistas, antes dominadas por temas áridos, recheados de palavras difíceis e estatísticas, passaram a versar sobre temas populares e a incluir promessas. A antiga burocrata, famosa em todo o governo pelo uso constante do laptop e pelas apresentações em PowerPoint, agora abraça eleitores no interior do Nordeste e carrega crianças. (LOYOLA, 2010, p.20).

O trecho acima remete tanto às considerações de Miguel e Biroli (2011) sobre as mulheres políticas serem, na maioria das vezes, retratadas pelos veículos de comunicação, a partir de suas roupas, cabelo, maquiagem, quanto ao senso comum de imagem de políticos, tanto homens quanto mulheres, principalmente em campanha, que se deixa abraçar por populares e carrega crianças, na intenção de mostrar que têm afinidade ou que pretendem cuidar do povo.

Em outra parte da matéria, a então ministra é apresentada como “pessoa direta e de temperamento difícil”, “pessoa complicada de conviver, sujeita a alterações bruscas de humor e ataques de ira”. Logo à frente, Loyola (2010, p.20) reproduz uma frase de Dilma que ficou famosa como justificativa irônica a essas reclamações de assessores e de colegas de governo:

“Sou uma mulher durona em meio a homens meigos”<sup>15</sup>. E, completa o repórter: “Sendo os arroubos inevitáveis, o importante é aprender a lidar com eles”.

A maneira como a vida familiar de Dilma foi apresentada pelo repórter também merece destaque. Por meio de aspas de colegas de governo e de campanha, como o então ministro de Relações Internacionais, Alexandre Padilha, Loyola (2010) apresenta uma Dilma que foi casada duas vezes e que nutre amizade com os dois ex-maridos, mãe zelosa com a filha já adulta, filha carinhosa com a mãe idosa e avó cuidadosa com o neto recém-nascido.

O infográfico<sup>16</sup> que encerra a matéria (Figura 1), intitulado *De corpo inteiro: um retrato da futura presidente por dentro e por fora – do que ela gosta e como mudou a aparência*, também é interessante de se observar. Alguns tópicos são bastante expressivos quanto ao que foi abordado acima, no que diz respeito à ênfase nos aspectos de beleza, vestuário e vida íntima: Família; Cabelo; Sobrancelhas; Olhos (cirurgia plástica); Voz; Maçãs do rosto (cirurgia plástica); Maquiagem; Comida; Livros e quadros; Guarda-roupa; Patrimônio; Salário; Saúde; Corpo; Música; Mascote; Idade; Altura; Peso (neste item consta a observação de que Dilma disse que, durante a campanha, não teria se pesado “para não ficar triste”).

---

<sup>15</sup> Em outras publicações, esta citação de Dilma Rousseff foi publicada com uma pequena modificação, como se verá a seguir. Quando ainda era ministra do governo Lula, Dilma foi caracterizada negativamente pela “dureza” e pela “secura” masculinas no modo de agir e tratar as pessoas. Em matéria publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, em 10 de março de 2009, a então ministra da Casa Civil, falou sobre sua experiência em cargos públicos e condenou o preconceito contra as mulheres que chegam a essas posições de destaque. Nesse texto jornalístico, foi divulgada uma expressão usada por Dilma para definir seu cotidiano no ministério: “Eu sou uma mulher dura cercada de homens meigos”, que aludia ao estereótipo de a mulher que ocupa uma chefia tornar-se masculinizada (NOSSA, 2009). Após essa publicação, a referida citação foi reutilizada, fora do contexto em caráter irônico e estereotipado, em diversos outros materiais da mídia. Também em 2009, quando era pré-candidata, Dilma foi questionada sobre as cirurgias plásticas e adaptações de vestuário às quais se submeteu para se apresentar mais feminina, convencionalmente (MIGUEL; BIROLI, 2011).

<sup>16</sup> Trabalho de *design* gráfico que mescla informações sucintas e imagens para melhor esclarecer informações, geralmente esquemáticas, que são importantes para complementar o texto jornalístico formal, mas que podem ser excluídos sem grandes prejuízos para o conteúdo.

**Figura 1 – De corpo inteiro**

## DE CORPO INTEIRO

Um retrato da futura presidente por dentro e por fora - do que ela gosta e como mudou a aparência

### OLHOS

Na "repaginação" geral de 2008, tirou o excesso de pele nas pálpebras e **bolso nos olhos**. Os óculos foram trocados por lentes de contato

### MAÇÃS DO ROSTO

Para rejuvenescer Dilma, **suspendeu-se a musculatura** superficial da face. O rosto ficou mais triangular, e a expressão mais harmônica

### VOZ

Exercícios melhoraram a **impostação**. A preocupação com a voz surgiu quando Dilma fez quimioterapia para tratar o câncer no sistema linfático, em 2009. Um dos efeitos colaterais foi o ressecamento da boca e da garganta

### FAMÍLIA

Nascida em 14 de dezembro de 1947, Dilma é filha do advogado búlgaro Pêtar Russév e da professora fluminense Dilma Jane Silva. Russév, militante comunista, fugiu da Bulgária e se radicou no Brasil na década de 30, adotando o nome de Pedro Rousseff (na foto, Dilma, primeira à esquerda, os pais e os irmãos, Igor e Zana Lúcio). Dilma foi casada com Carlos Franklin de Araújo, ex-dirigente da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares, com quem teve uma filha, Paula. O neto, Gabriel, nasceu em 9 de setembro



### CABELO

Inspirado no corte da estilista **Carolina Herrera** (foto), o cabeleleiro Celso Kamura projetou o volume para a parte de cima da cabeça. Manteve o tom acobreado e fez luzes mais claras. "O João (Santana) não me pediu para deixá-la mais simpática. Ele pediu que eu melhorasse a imagem como um todo", diz



### SOBRANCELHAS

Naturalmente arqueadas, passavam um ar de braveza. Para **suavizar a aparência**, Celso Kamura amenizou os arcos e debiou as sobrancelhas mais finas

### MASCOTE

Dilma diz que não vive sem cachorro. O **Labrador Negro** é sua mascote atual. Ela diz que o herdeiro de José Dirceu, seu antecessor na Casa Civil



### LIVROS E QUADROS

Entre os autores que afirma serem seus favoritos, Dilma cita Graciliano Ramos, Dostoiévski e Proust. Diz ter gostado muito de *O mar*, do irlandês John Banville. Dilma baixa no laptop reproduções de pinturas em sites dos museus. Adora o quadro *Natureza-morta ressuscitando*, da mexicana Remedios Varo



### MAQUIAGEM

Ela adotou uma base líquida cremosa e de longa duração da **marca francesa Make up For Ever**, que não está à venda no Brasil. A maquiagem é aplicada com uma pistola, que deixa a pele homogênea. O batom vermelho foi trocado pelo tom coral. Os olhos ganharam destaque com lápis preto e rímel



### COMIDA

Gosta de água de coco, arroz integral, verduras, legumes refogados e peixes grelhados. Mas não vive só de comida leve. Adora bacalhoadas, feijoada, guisado de carne e polpetone. Segundo seus assessores, organiza a agenda para fazer as refeições em casa sempre que possível

### GUARDA-ROUPA

Sofreu grandes transformações desde que Dilma entrou na campanha. Os ternos coloridos e os acessórios chamativos deram lugar a peças mais sóbrias e elegantes. Na reta final da disputa eleitoral, a ministra contou com a consultoria do estilista paulista Alexandre Herchcovitch para, segundo ele, apenas aperfeiçoar seu estilo. O **uso do vermelho** foi ideia dele

### CORPO

Sessões de fisioterapia e Pilates melhoraram a **postura de Dilma**. Ela gosta de acupuntura e procura caminhar uma hora por dia. A assessora Olga Curado diz ter empregado também técnicas de gestaltterapia, loga e aikido

### SAÚDE

A saúde de Dilma está, de acordo com seus médicos, em dia. Todos os exames realizados pela presidente eleita podem ser considerados normais. Ela foi tratada de um **linfoma** em estágio inicial em 2009. Dilma também tem hérnias na parede intestinal, um cisto de 0,3 centímetro no rim (que os médicos consideram normal) e recorrentes infecções de garganta

### SALÁRIO

Como ministra da Casa Civil, recebia **R\$ 10.748 por mês**. Ao deixar o cargo para concorrer à Presidência, passou a receber R\$ 17.800 mensais do PT

### PATRIMÔNIO

A declaração da candidata à Justiça Eleitoral registra **R\$ 1,06 milhão**. Ela é dona de três apartamentos, uma casa e um lote, além de ter dinheiro em ações, fundos de investimento, poupança, joias e obras de arte. Declarou ter também R\$ 113 mil em espécie

### MÚSICA

Gosta de Astor Piazzolla, Ella Fitzgerald e Zezé Di Camargo e Luciano. Recentemente, publicou no Twitter elogios ao novo disco da banda mineira **Pato Fu**



Dilma Vana Rousseff		
Idade	Altura	Peso
62 ANOS	1,70 m	*

\*Dilma, filha única e comestiva, quer não ficar se preocupando "para não ficar braba"

## Considerações finais

Para Anne Phillips (2001), teórica política feminista britânica, o problema da democracia está na exclusão sistemática de indivíduos pertencentes a determinados grupos, já que os estereótipos ativam e ajudam a manter obstáculos que as pessoas identificadas pela raça, classe social ou gênero, por exemplo, enfrentam constantemente. Seja pela falta de tempo livre para inserção em esferas mais altas da carreira política, seja pela baixa escolaridade provocada pela escassez de oportunidades iguais ou pelo preconceito velado ou explícito que esses indivíduos se deparam por toda vida, os estereótipos atuam como impeditivos na busca por novas possibilidades, uma vez que inibem sonhos e desejos, ofuscam esperanças e distanciam vozes em favor de mudanças.

Cabe aqui, porém, destacar que, em algumas circunstâncias – como no caso da campanha de Dilma, que também se valeu dos estereótipos vinculados à associação mulher-mãe para se apresentar ao eleitorado e, dessa maneira, conquistar seu apoio e voto –, os estereótipos podem ser utilizados com o intuito de buscar agregações e apoio em favor de um objetivo legítimo.

Assim, os valores democráticos precisam ser válidos, de fato, para todos, em todas as esferas da vida. A posição desigual em uma esfera representará menores chances de acesso a outras, ou seja, se na vida doméstica as mulheres são subjugadas e têm menor poder de influência, na arena política, essa situação será reproduzida.

É a partir do ponto de vista de Phillips (2001) que encerro este artigo ressaltando que o baixo controle do próprio tempo, advindo do acúmulo de tarefas domésticas e externas, impedem muitas mulheres de ao menos sonhar com outra realidade possível. A chegada de uma mulher à Presidência da República é bastante significativa, e pode ser ilustrada inclusive com o trecho do discurso de Dilma Rousseff, quando de sua vitória: “Sim, a mulher pode!”. Todavia, se não vem acompanhada de políticas públicas que possam alterar a realidade das demais, ainda estará longe de significar efetivas e cotidianas mudanças para elas.

A presença dos estereótipos de gênero, apesar de estarem mais suavizados nos trabalhos da mídia, ainda reforça a inaptidão das mulheres para a arena política ao atrelarem sua imagem e lhes permitirem mais espaço principalmente quando são assuntos como moda, relacionamentos afetivos, idade, características físicas e família. É preciso que as mulheres tenham voz, com legitimidade e ouvida com respeito. Para isso, a ampliação das possibilidades de participação política deve vir acompanhada de uma real modificação na

divisão sexual do trabalho. Assim, em um futuro não muito distante, pode-se acreditar que a mídia também altere seu olhar e seu discurso quanto às mulheres.

### **Referências bibliográficas**

BIROLI, Flávia. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. **Revista Brasileira de Ciência Política**. Brasília, n.6, jul./dez.2011, p.71-98.

BRASÍLIA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Retratos da desigualdade de gênero e raça**. 4. ed. 2011. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2013.

ELSHTAIN, Jean Bethke. Rumo a uma teoria crítica da mulher e da política: reconstruindo o público e o privado. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia (Org.). **Teoria política feminista: textos centrais**. Vinhedo: Horizonte, 2013. p.121-172.

FRASER, Nancy. Para além do modelo senhor/serva: sobre *O contrato sexual*, de Carole Pateman. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia (Org.). **Teoria política feminista: textos centrais**. Vinhedo: Horizonte, 2013. p.251-263.

FREITAS, Viviane Gonçalves. **Dilma lá**: a construção da imagem de mulher como estratégia político-eleitoral no segundo turno da campanha para presidente de 2010. 166f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Comunicação Social. Belo Horizonte, 2012.

GILLIGAN, Carol. Imagens de relação. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Teoria política feminista: textos centrais**. São Paulo: Horizonte, 2013. p.81-119.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.206-242.

LAKOFF, Robin. Linguagem e lugar da mulher (1973). In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (Org.). **Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos**. Trad. Ana Cristina Ostermann *et al.* São Paulo: Parábola, 2010, p.13-30.

LOYOLA, Leandro. Treinada para ser presidente. **Revista Época**. Rio de Janeiro, edição extra, 01.nov.2010, p.18-27.

MIGUEL, Luis Felipe. Política de interesses, política de desvelo: representação e “singularidade feminina”. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 9, n.1, 2001, p.253-267.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Caleidoscópio convexo: mulheres, política e mídia**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NAVARRO-SWAIN, Tania. A invenção do corpo ou a hora e a vez do nomadismo identitário. **Textos de História** – Revista da Pós-graduação em História da UnB. Brasília, v. 8, n. 1/2, 2000, p.47-86.

NOSSA, Leonencio. **‘Sou uma mulher dura cercada de homens meigos’, diz Dilma**. 10 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,sou-uma-mulher-dura-cercada-de-homens-meigos-diz-dilma,33614,0.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PHILLIPS, Anne. De uma política de ideias a uma política de presença? **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n.1, 2001, p.268-290.

ROUSSEFF, Dilma. **Discurso após a vitória**. 31 out. 2010.



SCOTT, Joan. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, n.3: Desacordos, desamores e diferenças, 1994.

YOUNG, Iris Marion. O ideal da imparcialidade e a público cívico. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia (Org.). **Teoria política feminista: textos centrais**. Vinhedo: Horizonte, 2013. p.305-337.